

# Progressistas ainda não se articularam

A agitação que tomou conta do Congresso Nacional, desde que se instalou a Assembléia Nacional Constituinte, ainda não permitiu aos setores «progressistas» terem exata dimensão do universo com o qual poderão trabalhar articuladamente, para garantir «avanços» na Constituição a ser elaborada. Essa desinformação é fruto principalmente da falta de articulação da ala «progressista» do PMDB que, dispersa e diante da grande massa de novos deputados, ainda não começou a se organizar.

Algumas tentativas no sentido de se identificar o chamado grupo progressista já foram feitas. As eleições para as presidências da Câmara e da Constituinte, bem como a votação da proposta do PT e do PCB, que visava a exclusão dos senadores eleitos em 1982 da Constituinte, são os três referenciais — imprecisos — que os peemedebistas têm para quantificar o setor mais avançado do partido.

Parlamentares ligados ao deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) afirmam que ele já conseguiu avaliar o

número de peemedebistas que votaram no seu nome para a presidência da Câmara: teriam sido cerca de 50.

No episódio dos senadores, esse número teria subido para quase 100, levando-se em consideração as abstenções. E, na votação do deputado Lysâneas Maciel (PDT-RJ) como antecandidato a presidente da Constituinte, cerca de 50 dos 100 votos que ele recebeu, teriam sido do PMDB, conforme avaliação geral.

— Ou nos articulamos e nos posicionamos, ou ficaremos a reboque dos pequenos partidos de esquerda — alertou ontem a deputada Cristina Tavares (PE), da ala progressista do PMDB.

Os setores avançados do PMDB, contudo, carecem de liderança, segundo o entendimento de vários parlamentares, as figuras que seriam naturalmente uma voz de comando do segmento progressista do partido, aliaram-se ao governo tomando posições muitas vezes sem consonância com os compromissos defendidos pelas esquerdas.